

Andreza Chiquetto

**Ginástica geral na escola:
relato de uma experiência**

**Campinas
2004**





Andreza Chiquetto

Ginástica geral na escola: relato de uma experiência

Monografia apresentada como exigência para obtenção do título de Licenciada em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Eliana Ayoub.

**Campinas
2004**

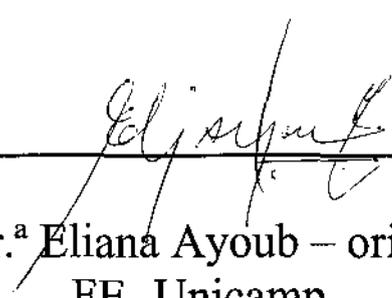
“Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria.”

(Paulo Freire, 1996, p.72)

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Elizabeth Paoliello Machado de Souza
FEF- Unicamp

Prof.^a Mestranda Michelle Guidi Gargantini Presta
FE- Unicamp


Prof.^a Dr.^a Eliana Ayoub – orientadora
FE- Unicamp

Agradecimentos

Agradeço primeiramente, como não poderia deixar de ser, aos meus pais, Fátima e Moacir, tão queridos e sempre presentes, grandes responsáveis por todas as minhas conquistas, meus *maiores amores*.

Aos meus familiares, Dani e Bruno, meus tios e primos, meu avô e minha avó (mesmo que agora não mais aqui), por todo apoio que me deram, especialmente antes de ingressar nesta universidade; por toda a paciência e pela alegria diante do meu sucesso. Muito obrigada...

Agradeço aos colegas e principalmente aos amigos conquistados aqui ou já em outros momentos de minha vida e que nela permaneceram, pela alegria dos meus dias, pelo carinho e conforto, pela compreensão, pela amizade. Pessoas que passaram nesta jornada e que ficarão comigo para sempre, cada uma do seu modo, algumas por seu jeito de ser a “*Tau*”, outras, por seu jeito “*Bonamico*” de ser, deixando meus dias mais *cor-de-rosa!!!* Pessoas de um grande interior como vastos “*Campos*”, ou como um “*Campo Limpo*”, onde poderia contemplar a beleza da vida eternamente... Algumas, cheias de força e serenidade, que como uma “*Rocha*”, mantiveram-se no seu caminho, mesmo em momentos de desespero, quando muitos de nós recorriamos a todos os “*Santos*”, mas que no final, encontrávamos sempre um amigo para atender nossos chamados diante de uma possível queda: - Me “*Suguihura!*” Enfim, pessoas que fizeram com que me sentisse dentro de uma “*Esfera Lúdica*”, e assim desejar permanecer. Doces, amargos, exagerados, todos... Obrigada!

Aos professores da Unicamp com os quais tive a oportunidade de aprender de forma crítica a ser educanda e educadora, muito obrigada pela contribuição que deram à minha vida.

À minha orientadora, Nana, só posso agradecer pelo apoio e carinho dedicados a mim e a esta monografia, principalmente pela forma repentina como tudo se deu... Obrigada!

À equipe da FEAC, muito obrigada pela oportunidade e apoio, mesmo no momento da despedida.

Aos funcionários da escola em que desenvolvemos as aulas de GG deste programa, por me ensinarem que é possível fazer o melhor, mesmo diante de situações difíceis.

Aos professores que acompanhei nesta experiência, Andréa, Fábio e Rubens, agradeço por esta oportunidade, por todo o aprendizado que me possibilitaram, pelo exemplo que se tornaram para mim.

Ao Rubens, meu querido professor, eterno amigo e grande companheiro destes anos de faculdade, muito obrigada por sua presença constante; por seu apoio incondicional a mim e, especialmente, a este trabalho; por sua exaustiva luta para me mostrar que *sou capaz*; por **acreditar em mim**.

Enfim, aos meus queridos alunos e alunas da oficina de ginástica geral do programa “*Ame a Vida sem Drogas – FEAC*”, muito obrigada por todo o carinho, por me ensinarem a ser “um pouco mais professora”, “um pouco menos certa de algumas verdades”, “um pouco mais gente”, e “muito mais feliz”, pois agora tenho vocês comigo!

Ao *pôr-do-sol* da FEF, por encher de magia meus finais de tarde destes últimos quatro anos.

Muito obrigada!

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus queridos professores “Tia Ilma” (professora da segunda série do ensino fundamental); “Tia Clercy” (professora da terceira série do ensino fundamental); “Dona Emília” (professora de matemática da quinta à oitava série do ensino fundamental); “Leda” (professora de língua portuguesa e literatura do ensino médio); “Dudu” (professor de química geral do ensino médio) e “Nako” (professor de técnicas biológicas do ensino médio):

“fontes de inspiração...”

RESUMO

Esta monografia traz o relato de minha experiência pedagógica como estagiária em aulas de Ginástica Geral (GG), desenvolvidas com alunos da primeira à quarta série do ensino fundamental de uma escola da rede pública estadual localizada em região periférica de Campinas, as quais possibilitaram que desenvolvêssemos objetivos referentes às especificidades da ginástica, assim como conceitos de cidadania e valores humanos. Apresento a busca por um conceito de GG, desenvolvida junto com os professores responsáveis; os conhecimentos mais trabalhados; o material disponível; o espaço físico; os recursos utilizados; as formas de trabalho. Descrevo, por fim, fatos que mais me chamaram a atenção; o momento de preparação e apresentação das coreografias; o envolvimento com as crianças; os erros e acertos; a despedida. Nas considerações finais pondero que, maior que todos os erros e acertos, o relato de uma experiência precisa trazer uma reflexão sobre a mesma, que nos torne capazes de modificá-la, ou até mesmo de mantê-la, contudo, de forma consciente e crítica.

Palavras-chave: Ginástica geral; escola.

ABSTRACT

This monograph describes my pedagogical experience as a General Gymnastics (GG) teacher, with first to forth grade students of a public school placed on a peripheric localization at Campinas, that possibilited the development of gymnastics specific objectives, as citizen concepts and human values. I present the search for a GG concept, developed with the responsible teachers; the most laboured knowledges; the disposable material; the physical structure for classes; the resourses; the work ways. At last, I describe the facts that most impressed me; the moments of choreography contruction and presentation; the envelopment with children; the mistakes and rights; the farewell. Finally I ponder that, more than all the mistakes and rights, an experience describe must bring a reflection about it, to make us able to modify it, or even leave it as it is, but based on a conscious and critical thought.

Key-words: General gymnastics; school.

SUMÁRIO

Passagem para o Mundo da Ginástica	09
O Programa “Ame a Vida Sem Drogas” – FEAC	12
Minha experiência	
Onde, quando, com quem	14
As reflexões desenvolvidas sobre GG	15
Os materiais disponíveis	18
Conhecimentos desenvolvidos	18
Formas de trabalho	26
Recursos utilizados	29
Aspectos importantes ou ... um “algo mais”	
O envolvimento com as crianças	36
Casos especiais	37
Os funcionários da escola	42
Coreografias e apresentações	43
Erros e acertos	48
A despedida	51
O que fica...	53
Bibliografia	55

Passagem para o mundo da ginástica

Este trabalho é o relato de uma experiência pedagógica na qual trabalhei com grupos de crianças de primeira à quarta série do ensino fundamental de uma escola pública estadual da região periférica de Campinas, como estagiária em aulas extra-curriculares de ginástica geral (GG), no programa “Ame a Vida sem Drogas”, fomentado pela Fundação FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas). Nele, contarei esta minha trajetória de um ano e meio de ensino e aprendizado, desde as intenções da instituição de apoio, reflexões sobre um conceito de GG juntamente com os professores responsáveis, até minha relação com a ginástica geral, chegando, finalmente, ao relato das aulas, os conhecimentos trabalhados, as formas de trabalho adotadas, materiais disponíveis, os erros e acertos, o envolvimento com e das crianças, os vínculos formados, a despedida e o eterno ciclo de aprendizagem.

Diante da necessidade de elaboração de uma monografia em Licenciatura, pensei que nada caberia melhor do que relatar uma experiência importante em minha formação: meu estágio em GG pela FEAC no programa “Ame a Vida sem Drogas”. Nele, aprendi muito do que sei sobre ginástica e sobre “dar aulas”. Sobre ginástica, pois, além do aprendizado no decorrer das aulas com os professores, discutíamos vários significados e possibilidades fora delas, tanto nos momentos de planejamento quanto em momentos informais, já que tal assunto nos interessava e muitas vezes nos “intrigava”. E sobre “dar aulas”, porque foi um trabalho que me inseriu, profissionalmente, na “vida” de uma escola pública periférica de Campinas, que, apesar de não ser obrigatória para os alunos, o número de participantes era bastante grande, o que nos deixava próximos de uma situação real do ensino público formal, e, enfim, porque contei com profissionais muito capacitados como professores destas aulas, que me deram a oportunidade de aprender “novas possibilidades”.

O objetivo deste trabalho é, portanto, relatar minha experiência docente em aulas de GG e as possíveis mudanças nesta atuação após reflexões sobre esta prática. Trago aqui os erros e acertos, as formas de trabalho, as relações e vínculos formados com os alunos destas aulas, os conhecimentos trabalhados e as reflexões sobre esta prática e sobre a própria ginástica geral, desenvolvidas ao longo deste tempo.

Participaram desta experiência crianças moradoras da região do Campo Grande em Campinas, que freqüentam esta escola pública estadual participante do programa, uma escola de

ensino fundamental de primeira à quarta série. Situada numa região periférica, onde habitam famílias que, na maioria das vezes, não têm condições financeiras de arcar com despesas de aulas de ginástica para seus filhos, foi desenvolvido este programa social pela FEAC, com o objetivo inicial de oferecer novos conhecimentos, abrir novas possibilidades de ação no tempo livre destas crianças. Foram então formadas turmas para a realização destas aulas, com crianças da faixa etária de 7 a 10 anos de idade, meninos e meninas.

Em 2001, quando ingressei na Faculdade de Educação Física da Unicamp, termos como “vivenciar”, “lúdico” e “ginástica geral”, não eram algo comum para mim. Contudo, encantei-me com apresentações de ginástica geral que assisti logo neste começo de curso, entrando assim para o GGFEF (Grupo Ginástico da Faculdade de Educação Física). Este foi, portanto, no início de 2001, meu primeiro contato com a ginástica geral, e, em aulas como as de Ginástica Artística (GA) e Ginástica Rítmica (GR) também pude ter meu primeiro contato com estas modalidades, apesar de já conhecê-las como “expectadora”. Sendo aquela “vivência” tão “lúdica” e satisfatória para mim, comecei a fazer estágios, já no primeiro ano de faculdade, em aulas de GA para crianças. No segundo ano, ainda em estágios com GA, eu e duas amigas da faculdade, Kizzy Antualpa e Ticiane Baccaglini, desenvolvemos um projeto gratuito de extensão de “GRD para crianças”, na faixa etária de 5 a 9 anos, no qual atuei efetivamente por um ano (primeiro e segundo semestres de 2002), e aprendi muito sobre esta modalidade gímnica. Continuei a participar do GGFEF por dois anos, mesmo quando fui convidada a participar do GGU (Grupo Ginástico Unicamp). Fiz parte destes dois grupos por mais um semestre apenas, pois, devido a estágios e outras obrigações, não tinha mais este horário disponível. Assim, o GGU, tão conhecido por “abrir portas”, abriu uma para mim também, e foi, por esta minha breve participação, que fui indicada para estagiar na FEAC com GG.

Este texto traz a seguir, quatro capítulos que descrevem esta minha experiência. O primeiro, sob o título de *O programa “Ame a Vida Sem Drogas” – FEAC*, descreve as intenções e conceitos sobre GG da instituição financiadora deste programa. O segundo, nomeado de *Minha experiência* traz grande parte da trajetória percorrida por mim e pelas outras pessoas envolvidas nestas aulas, apresentando itens como *onde, quando e com quem* trabalhei; *as reflexões desenvolvidas sobre GG*; *os materiais disponíveis*; *os conhecimentos desenvolvidos*; *as formas de trabalho* e *os recursos utilizados* por nós, professores. O terceiro capítulo ainda fala sobre esta

experiência, porém, refere-se a outros aspectos, tendo o nome de *Aspectos importantes ou... um "algo mais"*, apresentando temas de discussão como *o envolvimento com as crianças*; alguns *casos especiais*; breve descrição sobre a atuação dos *funcionários da escola*; algumas considerações sobre as *coreografias e apresentações*; reflexões sobre os *erros e acertos* desta minha experiência; e *a despedida*, também caracterizada como um momento de aprendizado. Por fim, o quarto capítulo intitulado de *O que fica...* traz algumas considerações finais e últimas reflexões sobre esta prática docente, assim como minhas aspirações para esta futura carreira na área da educação física.

O Programa “Ame a Vida Sem Drogas” – FEAC

A Fundação FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas) foi fundada há quarenta anos pelo casal Lafayette e Odila Álvaro de Souza Camargo, que, por meio de contribuições de várias instituições colaboradoras e “parceiras” de Campinas e região, desenvolve e financia programas de assistência social. Entre eles, está o programa “Ame a Vida sem Drogas”, que tem como objetivo para sua instituição financiadora:

Prevenir o uso de drogas nas escolas e organizações sociais, informando e capacitando professores e educadores em prevenção primária, desenvolvendo atividades educativas, sociais, culturais, esportivas e lúdicas com crianças e adolescentes, envolvendo também nas ações a família e a comunidade, para a construção do conceito de cidadania e qualidade de vida (FEAC, 2003).

Sobre “prevenção primária” a instituição entende que é aquela que:

[...] é constituída de ações antecipatórias que visam evitar ocorrências de situações de risco, que podem conduzir ao uso de drogas; impedir ou retardar o primeiro uso ou diminuir o uso esporádico, impedindo que se produza um consumo problemático. Suas ações visam informar, sensibilizar e conscientizar os indivíduos de determinada comunidade (FEAC, 2003).

Para realizar os objetivos deste programa, que tem como público alvo crianças e adolescentes das escolas e organizações sociais participantes, foi desenvolvido um projeto de “Oficinas de Arte e Educação”, que conta com oficinas gratuitas de Ginástica Geral, Dança de Salão, Artes Cênicas, Música, Capoeira e Danças Regionais; além de “cartilhas de prevenção” para serem trabalhadas em sala de aula, palestras técnicas e abordagens temáticas sobre o assunto de prevenção às drogas, dirigidas aos professores das oficinas e da rede pública estadual de um modo geral. Escolhidas tais oficinas, foram propostos objetivos específicos para cada uma, sendo que, para a oficina de Ginástica Geral, baseados em Gallardo & Souza (1996), ficou definido que os objetivos seriam:

Desenvolver os fundamentos básicos da ginástica e elementos de dança, teatro, jogos e brincadeiras, favorecendo a socialização. Trabalhar limites e possibilidades, respeitando a individualidade e o potencial de cada um, elevando a auto-estima e valorizando a cultura corporal da criança, entendendo cultura corporal como aquela que

reúne as diferentes interpretações da Ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica Desportiva, Aeróbica, Acrobática, etc.) integrando-as com outras formas de expressão corporal – Dança, Folclore, Jogos, Teatro, Mímica – de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes (FEAC, 2003).

É neste contexto que desenvolvemos as aulas de Ginástica Geral, sempre amparados por esta instituição. E é também nele que compreendo o porquê de se fazer oficinas de GG e não de outros esportes, pois não a consideramos como uma modalidade competitiva, que poderia causar qualquer tipo de frustração, comparação ou limitação para quem a pratica, mas pelo contrário, conforme afirma Ayoub (2003, p.67-68), a GG

[...] não tem regras rígidas preestabelecidas. Desta forma, a ginástica geral abre um leque imenso de possibilidades para a prática de atividade corporal, uma vez que não determina limites em relação à idade, gênero, número e condição física ou técnica dos participantes, tipo de material, música ou vestuário, favorecendo a participação e proporcionando uma ampla criatividade.

Minha Experiência

Onde, quando, com quem

Começo neste momento, a transcrever minha trajetória pelo programa “Ame a Vida Sem Drogas – FEAC”, como estagiária nas oficinas de ginástica geral.

Em fevereiro de 2003, indicada a participar do programa pelo professor responsável, Rubens Venditti Júnior, começamos com um dia de divulgação na escola participante em que atuaríamos, localizada no bairro Santa Clara, região do Campo Grande, em Campinas.

Depois de tal divulgação, na qual passamos em cada sala de aula da escola (mais ou menos seis turmas de cada série – de primeira à quarta – com aproximadamente quarenta alunos em cada uma delas) os alunos interessados deveriam deixar seus nomes para um sorteio, já que não havia vagas para todos (são 45 vagas para cada série, apenas).

As aulas de GG ocorriam no período oposto às aulas da escola destas crianças, sendo estabelecido que ficaríamos com as aulas no período da tarde, com as turmas de segunda e quarta séries, e outros dois professores, Andréa Desidério e Fábio Marin Mônaco, ficariam com as aulas da manhã, para as crianças da primeira e terceira séries.

Cada aula tinha a duração de uma hora e meia, duas vezes por semana, as quais ocorriam às terças e quintas-feiras, das 14:00 horas às 15:30 horas para a turma da quarta série e das 15:30 horas às 17:00 horas para a turma da segunda série. Seguimos estes horários até o final do ano em questão.

Em 2004, com a saída do professor Rubens, passei a estagiar com os professores Andréa e Fábio. Aqui, como única estagiária do programa, permanecia os dois períodos na escola, acompanhando todas as turmas de GG. Nas manhãs de terças e sextas-feiras, participava das aulas com o professor Fábio, com as turmas de primeira e terceira séries, que aconteciam das 8:00 horas às 9:30 horas para a turma da terceira série, e das 9:30 horas às 11:00 horas para a turma da primeira série; e, nas tardes de terças e quintas-feiras, acompanhava as turmas de segunda e quarta séries com a professora Andréa, com os horários de 13:30 horas às 15:00 horas para a turma da quarta série, e das 15:00 horas às 16:30 horas para uma turma mista de quarta e segunda séries, as quais já haviam participado do programa em anos anteriores, já que ele está

inserido nesta escola desde 2002. O professor Fábio, que no meio do semestre teve de deixar as aulas do programa foi substituído pela professora Andréa. E assim foi até a primeira semana de aula do segundo semestre de 2004, quando também me despedi destas aulas.

As reflexões desenvolvidas sobre GG

Um aspecto bastante relevante a ser aqui considerado e que norteia todo o desenvolvimento de nosso trabalho nestas aulas de GG é o do momento de nossas reflexões sobre os significados, conceitos, características da ginástica geral. Por meio destas discussões é que foi possível darmos um caminho, uma linha a ser seguida em nossas aulas, traçando desta forma os conhecimentos a serem vivenciados pelos alunos, já que, apesar de nos basearmos em nossas aulas e experiências com GG na faculdade, assim como em leituras sobre o assunto, ainda nos encontrávamos um pouco confusos a seu respeito, pois, muitas vezes, não há um consenso sobre sua conceituação.

E é a partir deste pensamento, de encontrar um conceito que satisfizesse nossos anseios e possibilidades de prática, já que além de possibilitarmos vivências em GG ainda tínhamos o dever de cumprir com os objetivos do programa em que estávamos inseridos, é que desenvolvemos as reflexões a seguir, começando por nossa primeira “conceituação”, em março de 2003, com o professor Rubens, e, mais tarde, em 2004, com os professores Andréa e Fábio, sempre baseados em referências que conhecíamos, tanto “teóricas” quanto “práticas”.

Em 2003, no momento de programação dos conhecimentos a serem tratados ao longo do ano, esbarramos na primeira questão: Quais são os conhecimentos a serem tratados em aulas de ginástica geral?

Em conversas com o professor responsável, ficou decidido que os conhecimentos que ensinaríamos nas aulas de GG daquele ano seriam os “conteúdos da cultura corporal”, que compreendem, segundo o Coletivo de Autores (1992) nos jogos e brincadeiras, dança, esportes, ginástica, e capoeira.

Com base em Gallardo & Souza (1996), integramos, ainda, outras atividades inspirando-nos no folclore, no teatro, na mímica e na confecção de materiais. Então, comecei a questionar-me se todas essas atividades não seriam conhecimentos que deveriam ser vistos em aulas de educação física escolar, como um espaço mais amplo de aprendizado, e não em aulas de ginástica

geral, que, para mim, seria um espaço de vivência de conhecimentos característicos da ginástica, além de formas de expressão corporal que pudessem ajudar a compor uma coreografia.

Mas, após discussões com o professor, assim ficou estabelecido: que poderíamos considerar a GG como “sinônimo” de educação física escolar.

E foi, a partir deste conceito que desenvolvemos possibilidades de vivências de vários conhecimentos da cultura corporal, analisando como os distribuiríamos durante todo o ano, dando uma linha a ser seguida para nossa prática. Sobre o conhecimento da cultura corporal *ginástica*, entretanto, demos ênfase especial, diferenciando-a em elementos a serem vivenciados da GA, GR, Ginástica Acrobática.

Em 2004, com o professor Fábio e especialmente com a professora Andréa, mais uma vez, deparei-me com a situação de conceituar, dar um significado próprio à GG, assim como estabelecer quais seriam seus conhecimentos e, dentre estes, quais estariam dentro de nossas possibilidades de ensino.

Não conseguimos, em um único encontro, chegar a tal conceito, contudo, como deveríamos concluir o programa a ser seguido ao longo do ano, estabelecemos os conhecimentos que desenvolveríamos nas aulas.

Estes conhecimentos basearam-se em diversos gestos e ações historicamente construídos constituintes do repertório da ginástica. Dentre as diversas formas de gestos e ações, destacamos as vivências e exploração de diversas formas de saltos, giros, aterrissagens, deslocamentos, rolamentos, apoios e equilíbrios, balanços (com ou sem suspensão), movimentos ondulatórios. Com o auxílio de aparelhos e objetos, trabalhamos diversas formas de manipulações: pequenos círculos, molinetes, lançamentos, recepções (pegadas), movimentos elípticos e oitos.

E finalizamos com as habilidades que poderiam ser realizadas com o auxílio de outra pessoa, como puxar, empurrar, carregar e transportar. Procuramos desenvolver estes conhecimentos ao longo das aulas de diferentes formas, contextualizando as ações das crianças. Contudo, ainda buscávamos um conceito de ginástica geral.

Ao longo do semestre, com mais leituras sobre o assunto e em discussões nos momentos de planejamento das atividades que desenvolveríamos em cada aula, assim como em momentos no trânsito, na hora de almoço, continuamos nosso processo de busca de uma resposta para a pergunta: mas afinal, o que é a GG? Não creio que tenhamos chegado a uma resposta definitiva, entretanto, considero que, pelo menos a meu ver, algumas coisas se esclareceram.

Não acredito, atualmente, que a GG abranja todos os conhecimentos da cultura corporal, como foi refletido por nós no início de 2003. A ginástica geral abrange, sim, todos os conhecimentos da ginástica, porém, eles não se encontram nela subdivididos ou agrupados em categorias de ginásticas específicas e segregadas. Tudo é simplesmente ginástica... E este “tudo”, ou melhor, o “todo” a que me refiro, são aqueles elementos historicamente construídos, que têm a *intenção* de ser *ginástica*.

Assim, acredito que a GG poderia ser chamada apenas de *ginástica*. Entretanto, outro ponto importante que devo aqui ressaltar é o fato da utilização de outros elementos da cultura corporal na GG, por meio de uma transposição direta de outro contexto, como a utilização de movimentos e aparelhos dos esportes coletivos em apresentações, por exemplo.

O que refletimos sobre isto é que, o que importa aqui, é a intenção que se dá ao gesto, transformando-o, nestes casos, em gestos gímnicos para demonstração, pois, é claro, aquela “reverência aos árbitros” de um ginasta em competição torna-se, na GG, apenas a representação de algo, dando significado a um contexto, assim como a utilização de movimentos dos jogos coletivos, em que ninguém realmente compete por pontos, mas sim, dá sentido à sua demonstração, conferindo a ela, também um caráter lúdico.

Portanto, a *intenção* é, na minha opinião e também na de outros autores (Pinto, 2001), um dos “pontos chave” para a reflexão sobre a GG. E, em relação à nomenclatura, citada anteriormente, acredito que, apesar de poder ser chamada simplesmente de “ginástica”, o adjetivo *geral* seja pertinente, pois, concordando com Ayoub (2003), é ele que a distingue daquelas outras formas gímnicas, já esportivizadas e sistematizadas, com regras fixas e excludentes, que também são ginástica, mas que não se caracterizam simplesmente pela intenção de se fazer ou se viver a ginástica de forma lúdica e sem regras fixas, e, principalmente, não competitiva, como é o caso da GG.

Os materiais disponíveis

Para colocarmos em prática estas aulas de GG, contamos com materiais disponibilizados pela própria escola e, é claro, pela FEAC. A primeira nos disponibilizou o espaço físico (uma quadra poliesportiva, um pátio coberto e uma sala de vídeo à qual chamam de “multi-uso”) que revezávamos com os seus professores de educação física, uma televisão e um vídeo cassete, além de aparelhos de som e qualquer outro material que precisássemos e que estivesse ao alcance da escola, como tesouras, papéis, tubos de cola, fitas-crepe, entre outros, assim como duas salas para guardarmos todo o material oferecido pelos parceiros e colaboradores do projeto: dois mini-trampolins, uma caixa de plinto de 5 gavetas, dois colchões grandes, seis colchões finos e doze colchões pequenos. Disponibilizou também grande quantidade de cordas de diferentes tamanhos e cores, conjuntos de maçãs e fitas de GR, além de materiais que pedíamos eventualmente, como um saco de painço e bexigas para a confecção de bolinhas de malabares, um kit de guarda-chuvas e figurinos para apresentações, tintas de rosto, tintas guache, barbante, papéis crepom.

Com estes materiais e espaços físicos, nos encontrávamos em situação praticamente ideal de trabalho, mas ainda assim, pensávamos que podíamos fazer mais e, com o auxílio das crianças arrecadamos inúmeros cabos de vassoura, pilhas de jornais, garrafas plásticas de refrigerante, caixas de leite, latas de alumínio, sacolas plásticas de supermercados, papéis de presente, que se transformaram em excelentes aparelhos para nossa ginástica, como bastões de equilíbrio, máscaras, pés-de-lata, instrumentos de malabarismo, instrumentos de percussão, ou, até mesmo, em brinquedos para levarem para casa. Para as apresentações também contamos com aparelhos adquiridos pelos alunos, como caixas de papelão, baldes e roupas feitas de material reciclável.

Conhecimentos desenvolvidos

Em relação aos conhecimentos desenvolvidos, segue aqui uma breve descrição de forma segmentada, sem que, contudo, isto signifique que tenhamos trabalhado sempre com estes “conteúdos” separadamente, desvinculados uns dos outros. Ao trabalharmos estes conhecimentos, que acreditamos pertencer, de acordo com Soares (1998, p.18) ao “núcleo primordial da ginástica”, buscamos desenvolver conceituações junto com os alunos, para maior compreensão por parte dos mesmos de nossas intenções de aula e do conhecimento que seria

desenvolvido. Dentro deles, destaco aqui aqueles que tiveram uma atenção especial nestas aulas, sendo estes, tanto referentes aos gestos e movimentos característicos da ginástica e conteúdos da cultura corporal, como a valores humanos.

Assim, conforme dito anteriormente, o enfoque teórico que demos à GG pode ser diferenciado em dois momentos, o da “cultura corporal” e o dos “gestos característicos da ginástica”. Porém, os conhecimentos desenvolvidos junto com os alunos seguiram praticamente pelo mesmo caminho, sendo que aqui, vou descrevê-los pontualmente, deixando implícito desta forma que, dependendo do momento de trabalho, um mesmo salto, por exemplo, poderia ser chamado de “movimento de solo da ginástica artística” como “movimento ginástico”, se esta fosse a *intenção* do movimento.

Começarei, então, descrevendo o *salto*. Buscamos um conceito junto com os alunos para o salto, encontrando para ele “o momento em que ficamos em suspensão, sem nenhum apoio”. Com este conceito, exploramos diversos tipos de saltos característicos da ginástica como o salto grupado, estendido, afastado, em “X”, com giro e meio giro, entre outros criados pelos próprios alunos, sendo estes saltos feitos no “solo de colchões” ou com o auxílio do mini-trampolim. Contudo, direcionamos os alunos a perceberem que o salto não era só o momento em que se encontravam “sem nenhum apoio”, mas que também havia o momento da impulsão antecedente ao salto e da aterrissagem.

Desta forma, o conceito de *aterrissagem* foi por eles logo descrito como “momento em que se volta a ter um apoio”, que poderia ser “com os pés, as mãos, a barriga ou qualquer outra parte do corpo”.

O *rolamento*, para frente, para trás, de lado, foi um dos conhecimentos da ginástica mais utilizados nestas aulas, pois, além de algo de grande interesse dos alunos era, para nós, algo “fácil”, o que não significou que todas as crianças tenham conseguido executá-los. Já um conceito para os rolamentos junto com os alunos foi algo mais complexo, que passou também a nos inquietar: os rolamentos seriam os movimentos feitos no eixo transversal e com deslocamento? Acreditamos que sim.

Assim, o *giro*, outro conhecimento da ginástica vivenciado nestas aulas, também com o mesmo problema para sua conceituação por parte dos alunos, foi por nós descrito como um movimento feito ao redor do eixo crânio-caudal sem deslocamento (estes dois conceitos

anteriores foram passados em linguagem acessível aos alunos). Os giros mais vivenciados pelos alunos foram o giro completo e o meio giro com salto.

Por *apoio* nós chamamos todos aqueles “movimentos da ginástica em que utilizamos um apoio no solo diferente do habitual: os pés”. Geralmente estes movimentos são chamados de “apoio invertido”, mas os alunos refletiram sobre isso e constataram que, se fossem apoiados os pés e as mãos, por exemplo, este seria um apoio diferente do habitual, porém, não estaríamos “totalmente” invertidos, e, sendo assim, o nome ficou “apoio”. Dentro deste conhecimento vivenciamos a “ponte”, “parada de mãos”, a “estrela”, o “flic-flac”. Nestas aulas sempre utilizávamos colchões como um “solo”, cordas e, até mesmo, o mini-trampolim.

Outro conhecimento trabalhado foi o *equilíbrio*, que, também no momento de conceituação junto com os alunos ficou descrito como “momento em que diminuimos nosso apoio e nos mantemos na posição desejada, podendo ser estático (parados no lugar) ou em movimento”. Assim, todos experimentaram, além dos movimentos criados por eles mesmos, o “avião”, o equilíbrio em “meia ponta”, as “poses acrobáticas”, os “chutes” (frontais, laterais, posteriores).

Quanto ao *deslocamento*, foi conceituado como “movimentos da ginástica em que temos a intenção de ir de um lugar para o outro”. Ao pedirmos para os alunos se deslocarem de forma livre, foram feitos rolamentos, estrelas, saltos, passos, corridas, chutes, entre outros criados por eles, que seguiam temas sugeridos por nós como animais e fenômenos da natureza, além de movimentos “novos”, direcionados, como chassês e galopes.

Balanceios ou balanceamentos foram vivenciados com o apoio dos pés no chão, ou seja, balançando o corpo para frente e para trás sem perder este apoio, e também em suspensão, com auxílio de um “trapézio adaptado” (feito de cordas amarradas em cabo de vassoura ou cordas passando por um cano de ferro, ambos amarrados na base de cimento da cesta de basquetebol da quadra poliesportiva da escola), de uma “barra” também adaptada (cabo de vassoura afixado nos mastros das bandeiras), e, inclusive, de um “tecido circense”, disponibilizado pela professora Andréa (também preso na base de cimento da cesta de basquetebol). Foram feitos também balanceamentos com utilização de materiais nas mãos, aumentando suas amplitudes. A utilização deste “trapézio” e “barra” aconteceu durante várias aulas, já que foi de grande interesse dos alunos, e também por darmos ênfase às atividades circenses no primeiro semestre de 2004.

As *manipulações* foram realizadas com os aparelhos de GR disponibilizados pelos patrocinadores do programa, como as fitas, maças e cordas, com os quais puderam explorar formas de manuseios como “molinetes”, “oitos”, “pequenos círculos”, “lançamentos”, “pegadas e os “balanços”. Outras alternativas foram o manuseio de saquinhos plásticos, bolinhas de malabares (bexigas com painço), “Pauzinho do Diabo” (pedaço de cabo de vassoura coberto por tecido emborrachado), “Caixas Mágicas” (feitas de caixas de leite “recheadas” de jornal), e até mesmo, pés de lata (latas de alumínio presas com barbante), sendo as quatro últimas confeccionadas pelos próprios alunos. Com as cordas também foram praticados diferentes tipos de saltos, como cruzado na frente, atrás, salto duplo, de costas, entre outros.

Neste contexto dos gestos constituintes do repertório da cultura corporal, esbarramos-nos naqueles que não poderiam ser explorados sem a presença de outra pessoa ou objeto, como o *puxar*, o *empurrar*, o *carregar* e o *transportar*. Para tratar especificamente destes temas, disponibilizamos apenas uma aula, todavia, como disse anteriormente, um conhecimento não está totalmente desvinculado do outro, o que significa, que estes foram conhecimentos vivenciados em tantas outras aulas sem, entretanto, darmos ênfase aos mesmos. Nesta aula, portanto, as crianças puderam explorar as formas de puxar, empurrar, carregar e transportar seus colegas, com ou sem auxílio de materiais, como cabos de vassoura, por exemplo. Desta forma, desenvolveram poses acrobáticas, equilíbrios e outros movimentos já vivenciados ou criados naquele momento.

O tema “*circo*” foi algo muito trabalhado no decorrer destas aulas de ginástica geral, incluindo uma pesquisa teórica por parte dos alunos. Nesta pesquisa, eles buscaram a origem do circo, depoimentos de pessoas mais velhas sobre o tema, suas opiniões pessoais, colagem de figuras, descrição e caracterização de personagens circenses e confecção de desenhos que ilustrassem seu trabalho escrito. O circo foi aqui considerado como parte muito importante do conhecimento total que gostaríamos de desenvolver, devido às suas “características gímnicas” tão presentes. Estas características a que me refiro dizem respeito aos gestos e “números” circenses, tão intimamente ligados à ginástica, e que trazem consigo a chamada “inteireza lúdica”, que, conforme Soares (1998), está presente na gestualidade de cada personagem, despertando o riso, o temor, a liberdade. A utilização de recursos audiovisuais foi aqui intensa e, acredito, muito importante, pois os vídeos utilizados ilustraram, para aqueles que não conheciam, a idéia de “Circo Tradicional” e “Circo Novo”, com suas diferenças e semelhanças, possibilitando bons momentos de reflexão. A confecção e manuseio de bolinhas de malabares (já descritos acima

como manuseio, reforçando que os conteúdos não se encontram desvinculados uns dos outros) foram um dos aspectos mais desenvolvidos sobre o circo por parte dos alunos. “Malabarismos” com tule e sacolas plásticas também foram vivências bastante realizadas. Os já citados balanços no “trapézio”, os rolamentos que se transformaram em “cambalhotas do palhaço”, as estrelas, os pés de lata que pretendiam, sonhadores, virar pernas-de-pau, os equilibristas, com seus bastões, as acrobacias, assim como apresentações teatrais de “palhaçadas”, foram algumas das representações do tema circo mais realizadas por parte das crianças, e também, por nós, professores.

Sobre *dança e ritmo*, acredito que, em praticamente todos os momentos das aulas estavam presentes, nas brincadeiras e jogos, nos malabarismos, nas atividades com cordas, entre outras, mas, apesar disto, demos ênfase especial para este tema desenvolvendo discussões e atividades rítmicas em também várias outras aulas, quando promovíamos as “fileiras dançantes” nas quais os alunos percebiam o ritmo das músicas colocadas e se deslocavam conforme direcionávamos, podendo ser de forma livre, seguindo temas (trabalhando desta forma com a expressão corporal) ou realizando movimentos específicos da ginástica já conhecidos por eles. Estas fileiras foram repetidas inúmeras vezes, principalmente com a turma da quarta série de 2003, pois era uma atividade na qual a turma sentia enorme satisfação em realizar. Também com enfoque principal no ritmo, promovemos uma aula de “percussão corporal”. Na conceituação, os alunos mostraram compreender o significado do termo “ritmo”, contudo, com dificuldade de expressar claramente em forma de palavras. Conseguimos captar palavras como “velocidade”, “tempo”, movimento”, “música”. Assim, mais uma vez juntos, pensamos: “O ritmo é a velocidade de alguma coisa (que pode ser uma música, um movimento, etc.) em um determinado tempo. Quanto maior a velocidade, o ritmo é mais acelerado”.

Como já foi dito anteriormente, a *expressão corporal* foi trabalhada várias vezes nas “fileiras dançantes”, assim como em vários outros momentos quando, inicialmente, passamos filmagens de grupos ginásticos e de companhias circenses destacando este tema. Pedíamos aos alunos que percebessem o que as pessoas que estavam apresentando nas filmagens tentavam transmitir por meio de seus gestos e expressões faciais. Promovemos então, um momento de apresentações teatrais, no qual criaram, em grupo, os temas que gostariam de desenvolver, podendo utilizar a fala ou não, como desejassem. Aqui utilizamos o recurso da *maquiagem*. Com isso, deram uma caracterização a mais para seus personagens. Outras maneiras de trabalharmos

com o tema expressão corporal foram através de atividades como: “Máscara neutra”, na qual todos deveríamos “vestir uma máscara neutra” (imaginária), ou seja, sem expressão alguma no rosto, e, desta forma, olhar para todos os colegas de classe, sem que esta expressão mudasse. Eu digo “todos deveríamos”, pois nós, professores, também participamos da atividade (assim como de tantas outras, nem sempre mencionadas). Diferente da máscara neutra, vivenciamos, em outro momento, a “máscara tendenciosa”. Nela, dizíamos um sentimento para cada aluno, que deveria demonstrá-lo em sua face até o restante da turma descobrir qual era. Outra possibilidade que encontramos, foi a de reunir a turma em “grupos de sentimentos”, os quais recebiam um sentimento, e, nestes grupos, montavam uma história que retratasse tal emoção por meio de uma situação “cotidiana ou espetacular, fantástica”. Ao apresentarem, os outros grupos também interpretavam o sentimento que este transmitia. Houve também o “jogo das palavras”, em que dávamos um objeto para cada aluno, tendo este que demonstrar para seus colegas, se utilizando para isto de recursos da mímica, qual era o seu objeto. Por fim, foi realizada uma atividade, que também deu ênfase aos sentidos de percepção corporal, na qual, de olhos vendados, as crianças deveriam tocar em um objeto e dizer para a classe, sem a utilização verbal, como era este objeto: Frio, quente, mole, duro, macio, áspero, liso. Um de nossos objetivos com estas atividades de expressão corporal era o de que as crianças conseguissem transferi-lo para as apresentações coreográficas, transmitindo desta forma, “o que querem dizer” para o público.



O *figurino* foi mais um “conteúdo” por nós trabalhado nas aulas de GG. Por meio de recursos audiovisuais, referentes a filmagens de espetáculos circenses e apresentações de ginástica geral, conversamos sobre a importância e singularidade de um figurino em uma coreografia. Com uma turma montamos um figurino próprio para ser utilizado nas apresentações, feito de materiais recicláveis, mas que, enfim, não foi utilizado para tal fim. O “figurino” utilizado nas apresentações das coreografias dos alunos foi, geralmente, a camiseta do uniforme da escola e uma bermuda preta ou azul (pois esta roupa estava dentro das possibilidades de todos). Contudo, no primeiro semestre de 2004 foi disponibilizada uma verba na FEAC para a confecção de um figurino de apresentação para cada turma do programa.



Um conhecimento de ampla vivência pelos alunos foi o da *ginástica acrobática* ou *poses acrobáticas*, feitas em duplas, trios, quartetos, até formações maiores com a turma toda. Estas poses, assim como os outros temas desenvolvidos, foram vivenciadas de forma livre e dirigida. As invenções dos alunos de novas poses acrobáticas, após um tempo de trabalho, já que este foi um conhecimento bastante trabalhado, foram extremamente criativas e preocupadas com a

estética daquilo que estavam desenvolvendo. Utilizaram muito este conhecimento em suas coreografias.



Formações: outro tema de aula e reflexão. Aqui, o conhecimento foi direcionado com ênfase nas apresentações coreográficas. Ao discutirmos este conceito junto dos alunos, para que todos percebessem que formações são “os desenhos formados em uma apresentação por meio de nossos corpos”, que, no caso, tiveram ênfase as formações em grupo, utilizamos recursos como desenhos em papel, “representações humanas” (bolinhas de jornal, maçãs, cordas) em miniatura, filmes infantis e filmagens e fotografias de apresentações de GG. A discussão deste conhecimento possibilitou que mostrássemos a riqueza e beleza de uma coreografia que possui “várias formas”, instigando também os alunos a criarem as “suas próprias formações”.

Nestas aulas de ginástica geral, também estiveram muito presentes os *jogos e as brincadeiras*, mesmo no momento em que não consideramos mais todo o conteúdo da cultura corporal como aquele que deve ser desenvolvido nas mesmas. Isto talvez ocorra devido a diversos fatores, os quais me arrisco a aqui interpretar, sem, entretanto, ter a intenção de fazer uma crítica ou ter um posicionamento contrário à sua utilização. Portanto, sobre a vivência, em praticamente todas as aulas de GG, de diversos jogos e brincadeiras, um dos motivos acredito ser

a ainda presente cultura da “aula treino”, em que se deve, no começo (momento principal em que estes conteúdos da cultura corporal estão presentes), “aquecer o corpo” para o que vem a seguir. Assim como sua presença no final da aula, para “descontrair”. Há também o desejo dos alunos de que, em aulas que acontecem fora da sala de aula, quando não se encontram “presos” em cadeiras, ocorram sempre estas brincadeiras, transformando a aula num momento lúdico e agradável para os mesmos.

Algumas *cirandas* também foram mais uma possibilidade nas aulas de GG, trazendo mais uma possibilidade de resgate da cultura. Alguns alunos até mesmo se sentiram motivados a trazerem outras cirandas ou cantigas que conheciam para compartilhar com o restante do grupo.

Dentro destes conhecimentos descritos anteriormente, muitas vezes vimos a possibilidade de trabalharmos também a *exploração dos 5 sentidos corporais*, como o olfato, audição, paladar, visão e o tato, enriquecendo assim as vivências na ginástica geral.

Ainda tratando dos conhecimentos trabalhados nestas aulas, saio agora da especificidade dos conhecimentos da ginástica, para relatar a discussão sempre presente sobre valores humanos e cidadania. Alguns conceitos tiveram, além de sua constante presença por meio de exemplos e ações em momentos da aula, uma ênfase especial, como entrega de trabalhos sobre seus significados, que deveriam ser pesquisados em dicionário, com familiares, assim como a própria compreensão das crianças sobre termo. Estes valores foram o *respeito*, o *compromisso*, a *cooperação*, a *amizade* e o *preconceito*. Com as pesquisas feitas, desenvolvemos atividades como discussão sobre os significados encontrados pelos alunos, assim como troca de trabalhos para que cada um acrescentasse aquilo que achasse pertinente ao trabalho do amigo, já “treinando” o seu respeito com o próprio trabalho, devendo sempre conservá-lo como estava ou então, melhorá-lo.

Formas de trabalho

Após o momento de planejamento da programação de conhecimentos que seguiríamos ao longo do ano, chegou também o momento de planejamento de cada aula, mais especificamente. Neste momento, nosso questionamento foi: “De que maneira tornaremos possível o contato dessas pessoas com tais conhecimentos?” A partir deste questionamento, buscamos, tanto

baseados em práticas anteriores como em estudos, uma maneira, uma “metodologia” para desenvolvermos estas aulas.

Uma das formas de trabalho que encontramos como base para desenvolvermos nossas aulas é a proposta do Grupo Ginástico Unicamp (GGU), a qual já era de nosso conhecimento (por termos vivenciado tal proposta), e que nos despertou grande interesse por percebermos o quanto é significativa neste aprendizado da ginástica geral. Gallardo & Souza (1996, p.28-29) a descrevem em duas partes: *“uma delas destinada ao aumento da interação social e a outra voltada à exploração de todos os recursos que o material pedagógico pode proporcionar”*. São considerados em todas as fases do desenvolvimento desta proposta, segundo Souza (1997, p.87) *“o incentivo e a valorização da experiência e dos interesses pessoais, (...), o estímulo à criatividade, à auto-superação e à ludicidade; e a promoção da cooperação e da participação de todos os integrantes do grupo”*.

Assim, esta proposta, que parte de um conhecimento, para posterior exploração de novas possibilidades, sempre com o objetivo final da “criação”, com ênfase no grupo, foi por nós amplamente “acolhida”.

Outra maneira, que é uma proposta metodológica desenvolvida por Nista-Piccolo (1995), e já conhecida por nós professores, tanto por todos termos trabalhado com tal metodologia anteriormente como por tê-la estudado, justamente devido a este trabalho, é a que chamamos de “metodologia dos três momentos”, que, apesar de relacionados, caracterizam-se por: “Primeiro momento” ou “momento de exploração”, em que os alunos tomam conhecimento do tema da aula e, de forma livre, exploram as possibilidades daquilo que lhes é apresentado, criando livremente. A intervenção do professor neste momento é reduzida, apenas questionando aos alunos sobre *“o que é possível fazer”* (Nista-Piccolo, 1995, p.117).

No “segundo momento”, ou “momentos das pistas”, o professor, como afirma Nista-Piccolo (1995, p.117) *“diz o que é sem determinar como”*, ou seja, dá pistas, propõe problemas para serem solucionados pelos alunos, mas sem direcioná-los para “como” realmente pretende que os alunos realizem seus movimentos.

Por fim, o “terceiro momento” desta metodologia, ou o “momento de direcionamento” é aquele em que *“todas as atividades que deixaram de ser contempladas nos dois primeiros momentos são agora propiciadas”* (Nista-Piccolo, 1995, p.118). Aqui, portanto, há um possível resgate daquilo que já foi feito, dando ênfase ao conhecimento, “o quê e como”, fazer,

caracterizando agora uma total intervenção do professor sobre os gestos dos alunos, buscando *“alcançar os objetivos pretendidos naquela aula”* (Nista Piccolo, 1995, p.118).

Esta metodologia dos “três momentos” possibilita, de acordo com Ayoub (2003, p.88) *“estimular a liberdade de expressão, a exploração e a descoberta de novas possibilidades de ação, favorecendo o desenvolvimento da criatividade e o intercâmbio de experiências entre os participantes do processo educativo.”*

Ainda de acordo com Ayoub (2003, p.89), quando diz que *“a riqueza destas duas propostas está em proporcionar o aprendizado da Ginástica levando-se em conta as diversas experiências dos alunos”*, permitiu que desenvolvêssemos nossas aulas de maneira que todos, inclusive nós, professores, *“aprendêssemos ensinando”*.

Momentos reservados para reflexões, discussões e “bate-papos” também foram levados em consideração em nosso planejamento, e assumidos como sendo de grande importância. Regras construídas com toda a turma e conscientizações sobre atitudes, e, inclusive, sobre a manutenção dos materiais estavam dentro de nosso cronograma, com, até mesmo, uma aula destinada para estas questões, como *“aprender a carregar os colchões corretamente”*, por exemplo.



Recursos utilizados

Vários foram os recursos utilizados para que as aulas de GG deste programa acontecessem, enriquecendo-as. Além de todos os materiais disponíveis e “disponibilizados” (já citados), fizemos uso de filmes, fotografias, figuras, músicas, além de contarmos com a presença de convidados especiais. Outro recurso de grande relevância para nós, professores, e para as crianças, foi a utilização de um “Livro da Verdade” (caderno utilizado com as turmas de 2003, para que pudessem dizer o que estavam sentindo, fazer críticas, sugestões, elogios aos colegas, aos professores e à aula).

Os *filmes* ou *filmagens* levados à aula foram tanto filmes do cinema infantil como documentários e filmagens de temas específicos sobre os quais queríamos trabalhar. Dentre os filmes infantis, ou “*filmes comerciais*”, como nos aponta Almeida (1994, p.7), encontram-se “*FormiguinhaZ*”, que também possui em seu contexto conceitos que buscávamos trabalhar em aula, tanto da especificidade da ginástica como valores. Estes eram, respectivamente, as “*formações*”, presentes em diversos momentos do filme, ilustrada na disposição e organização das formigas e, pela “*cooperação*” entre as mesmas. “*A Fuga das Galinhas*”, também contou com a especificidade de ilustrar o conceito de “*formações*”, além de movimentos da ginástica como alongamentos e saltos num “*mini-trampolim*” adaptado, vividos pelas galinhas. Um ponto muito ressaltado como de grande importância pelas crianças sobre este filme foi o trabalho em grupo realizado pelas galinhas. Já o filme “*Peter Pan*”, foi passado sem análise anterior sobre possíveis especificidades da ginástica presentes em seu contexto. Como o filme era de nosso conhecimento, achamos que seria adequado passá-lo às crianças, para tratar de valores humanos, assim como disponibilizar o próprio conhecimento de tal filme, ausente para a maioria das crianças. Os relatórios entregues sobre o filme (algo que ocorreu após todos os filmes infantis) fizeram-me acreditar que a experiência foi positiva. Outro filme que não contou com uma análise anterior sobre a presença de possíveis especificidades ginásticas foi “*O Caminho Para Eldorado*”. Este último, contudo, não era de nosso conhecimento, ou seja, passamos o filme à turma sem saber do que se tratava, sem qualquer objetivo específico ou intenções claras. Apesar de agora pensar que esse procedimento não é adequado, naquele momento acreditávamos que, por se tratar de um filme infantil, traria novamente o resgate de valores humanos, e, quem sabe, algo a ser trabalhado em aula, pois tínhamos claro que os conceitos trazidos pelos filmes, por estes serem um recurso

de motivação devido à sua ludicidade, seriam mais facilmente assimilados pelos alunos. Quanto à assimilação e compreensão de novos conceitos por meio de filmes, realmente acredito que este recurso seja excelente, pois, além de ilustrar aquilo que desejamos, desencadeia uma emoção, por nos trazer uma situação que parece “verdadeira”, que também facilita tal processo. Contudo, me refiro a esta atitude como um momento de grande erro em nossa experiência. Nossa intenção inicial era fazer uma seleção de filmes apropriados para passarmos em aulas de GG ou mesmo de educação física, entretanto, o fato de usarmos a turma como “teste” desta experiência foi nossa falha. É claro que situações inesperadas sempre acontecerão, nas quais talvez teremos de improvisar, utilizar algo “novo”, porém, neste momento, tínhamos a possibilidade de analisar anteriormente, já que este seria todo o conhecimento de uma aula. Desta forma, ficou para refletirmos tal experiência, já que, desta vez, o filme não alcançou nossas expectativas. Talvez, em uma aula devamos realmente “instrumentalizar” um filme, ou seja, ter objetivos claros e específicos para utilizá-lo, pois, conforme Planque (1974) a introdução do Cinema na escola se torna pertinente, na medida em que servirá como um elemento auxiliar e facilitador do processo ensino-aprendizagem, pois, é uma das funções essenciais da imagem despertar a curiosidade, manter o interesse, tendo, portanto, um papel de “motivação”, muitas vezes desprezado, e não somente reproduzi-lo sem claras intenções, ou pior, com a intenção de “encontrar uma intenção”, como foi feito, nem tampouco para passar o tempo em dias de chuva, por exemplo, ou, apenas para mostrar a “arte do cinema” em aulas de educação física. Acredito, portanto que, maior que o erro, ficou a aprendizagem do momento. Uma atividade que desenvolvemos sobre este filme foi a de retirá-lo antes do final, pedindo que as crianças inventassem um desfecho para o filme, o que fizeram de forma surpreendente! Passamos então o final do filme para que pudessem comparar com o “seu”.

Faço aqui, portanto, uma análise que parece contrária àquela feita por Almeida (1994), quando critica a utilização de filmes para “ilustrar” aquilo que o professor quer falar, ou então aquilo que já foi dito em forma de texto, o que confere ao filme um “*papel secundário*”. Penso, entretanto, que possa haver momentos em que, na escola, seja pertinente assistir a um filme assumindo que o cinema também é um “*objeto cultural*”, sem utilizá-lo simplesmente como um recurso “*didático-ilustrativo*”. Contudo, acredito também que este, além de ser “arte”, de ser “cultura”, possa sim, como critica o autor, ilustrar algo, com muito mais “verdade”, mais “realidade”, que assegurará, a meu ver, uma mais significativa interpretação dos objetivos do

professor pelos alunos, sem deixar de tentar despertá-los de forma crítica sobre esta parte da cultura, o cinema, assim como sobre os outros meios de comunicação audiovisuais, tão presentes no cotidiano das pessoas atualmente. Faço então uma pergunta: “Por que não?”.



Com relação às filmagens e documentários, com objetivos claros de ampliar os conhecimentos sobre ginástica e artes circenses das crianças, utilizamos coreografias do grupo de percussão “Stomp”, nas quais utilizam, em uma, “vassouras”, e, em outra, “baldes”, com a intenção de produzirem música por meio de movimentos e gestos com tais aparelhos alternativos, o que acabou incentivando as crianças a utilizarem baldes em sua coreografia. Outra filmagem foi o “Encerramento do I Fórum Internacional de Ginástica Geral no SESC Campinas”, no qual há apresentações ginásticas de grupos internacionais como Alemanha, Chile, Argentina, Dinamarca, e nacional, como o Grupo Ginástico Unicamp. Com esta filmagem, tomaram conhecimento sobre as “Rodas Ginásticas”, além de apreciarem apresentações em mini-trampolim, com as poses acrobáticas, danças. A Monografia de final de curso da Faculdade de Educação Física apresentada em forma de filmagem de Máisa Silva de Souza (1998), sob o título de “*A participação dos alunos nas aulas de educação física: uma possibilidade na ginástica geral*”,

com uma apresentação do Grupo Ginástico da Faculdade de Educação Física da Unicamp (GGFEF), também foi por nós utilizada de forma pedagógica nestas aulas, pois mostra, desde os processos de criação de tal coreografia, até sua apresentação final no festival interno de final de ano da Faculdade de Educação Física da Unicamp, o “Coisas da FEF”, mostrando-nos como pode ser lúdico, criativo e prazeroso todo este processo. A participação do GGU no Turnfest, festival de GG na Alemanha em 2001, também proporcionou-nos material para passarmos em aula, e, com um ponto interessante, assim como no encerramento do I Fórum Internacional de GG no SESC – Campinas, de que os professores, Rubens e Andréa também faziam parte das coreografias, o que estimulou os alunos a assistirem tais fitas com prazer e, em alguns momentos, fazerem algumas idealizações... Filmagens de algumas Gimnastradas Mundiais também foram bastante utilizadas nestas aulas, ilustrando como a GG é praticada em outros países do mundo, possibilitando que visualizassem as coreografias de “grandes áreas”, com pessoas portadoras de necessidades especiais, com pessoas que não têm o biótipo “ideal” imposto pela sociedade, com pessoas da terceira idade, além de uma certa noção sobre diferentes culturas, o que gerou boas discussões com os alunos. Sobre as especificidades do circo, passamos fitas do “Circo do Soleil” de espetáculos como “Os Saltimbancos”, “Draileon” e “Quidam”. A partir das apresentações deste circo tratamos do tema “circo novo”. Utilizamos também um filme documentário sobre o “Circo de Moscou”, o qual mostra os critérios de seleção que os artistas passavam para fazer parte do “espetáculo”, os métodos de treinamento e o resultado final. O filme “O Maior Espetáculo da Terra”, romance que se passa dentro de um circo, também teve alguns pontos específicos destacados por nós. Estes dois últimos ilustraram o circo tradicional.

E, enfim, uma filmagem de grande “sucesso” entre as crianças foi aquela em que a própria professora Andréa fez de algumas aulas nas quais os alunos exploravam materiais e movimentos na criação de uma coreografia. Ao reproduzirmos tal filmagem em uma aula subsequente para os alunos, a alegria foi geral!

As *fotografias* utilizadas como recurso ilustrativo e “enriquecedor” nas aulas foram, basicamente, fotografias de apresentações do GGU, GGFEF e fotografias das apresentações das próprias crianças na escola e no SESI, local onde foram realizadas as apresentações de final de ano em 2003 de todas as turmas participantes do programa “Ame a Vida sem Drogas”, assim como de outros grupos convidados. Houve grande alegria por parte das crianças ao se

reconhecerem nas fotografias, assim como ao reconhecerem seus professores. Acredito, portanto, que este retorno seja sempre muito importante.

Houve também aulas em que utilizamos *figuras* retiradas de revistas em que encontrávamos, por aqueles que haviam sido fotografados, a intenção de dar “beleza” ao gesto feito, o que acabou sendo tema de discussão em aula, surgindo então a pergunta: “Será que sempre devemos buscar fazer nossos movimentos na ginástica da forma mais “bela” possível?” Um aluno então pensou: “Não, nós também podemos querer fazer movimentos “feios”. Não podemos?”.

Os alunos, em outro momento, também retiraram de revistas figuras em que os participantes tivessem a *intenção* de fazer movimentos ginásticos, trabalhando assim esse tema.

As *músicas* utilizadas em aula, assim como em coreografias, geralmente fizeram parte do repertório de músicas brasileiras, dentre as quais não se incluem aquelas mais divulgadas pela mídia, ou então que já possuem uma “coreografia predeterminada”, por exemplo. A intenção sempre foi a de trazer algo novo para as crianças ou de resgate cultural. As músicas utilizadas que não pertenciam ao repertório nacional, geralmente foram aquelas somente “instrumentais”.

Algo muito interessante foi a maneira como, juntamente das crianças, fizemos a escolha das músicas para as coreografias de final de ano. Houve uma aula dedicada somente para isso, na qual pedimos que os alunos trouxessem músicas que gostariam para sua futura apresentação. Assim, os alunos trouxeram as mais variadas músicas, as quais ouvimos, pelo menos uma parte, elencamos seus títulos na lousa e começamos a votação. Antes, porém, conversamos com a classe sobre as músicas, direcionando-os ao pensamento descrito anteriormente sobre a não utilização de músicas que já possuíssem coreografias, músicas muito divulgadas pela mídia ou aquelas que tivessem uma letra em língua estrangeira, que, muitas vezes, nem mesmo saberíamos o que queriam dizer. Os alunos, como era de costume, concordaram com nossas argumentações, retirando desde o início algumas das músicas da “eleição”. Feito isto, a eleição foi realizada, ganhando aquela música com maior número de votos.

Não pretendo aqui me referir aos *convidados especiais* como “recursos utilizados”, mas sim relatar sua grande contribuição e importância nestas aulas. A primeira convidada foi a professora *Maria Isabel*, trazendo músicas e histórias do folclore brasileiro, contribuindo, desta forma, para o resgate de nossa rica cultura. Sua presença foi muito significativa para as crianças, que, vez em quando, perguntavam: “Quando a Bel vai voltar?”.



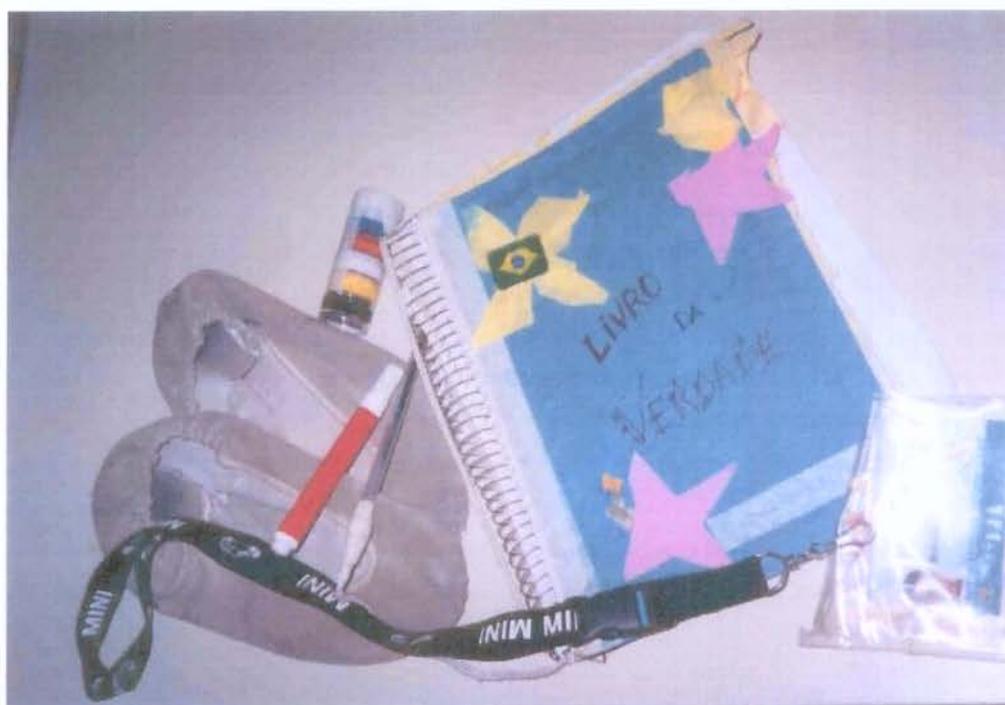
Outro convidado foi o artista circense *Vitor*, trazendo mais próximo das crianças atividades como malabarismos, equilíbrios em perna-de-pau, monociclo. Maior que a emoção de ver um vídeo sobre o tema, só mesmo ver pessoalmente! Assim, sempre que houver a possibilidade, acredito que devemos proporcionar às crianças momentos assim.

O *Livro da Verdade* foi uma alternativa a mais que encontramos para estabelecermos um maior diálogo com os alunos, principalmente com aqueles que se sentiam inibidos a se expressarem nos momentos das “rodas de conversa”, que geralmente aconteciam no início ou encerramento das aulas. É interessante observarmos a “evolução” dos comentários feitos neste livro ao longo do ano, saindo de frases mais simples como “Hoje eu gostei da aula”, “Gostei da aula”, “Adorei a aula” para frases como “Hoje eu gostei muito da aula, mas fiquei triste porque quase machuquei minha amiga sem querer. Espero que ela me desculpe”, ou então “Hoje eu gostei da aula, mas critico todos por não colaborarmos com os professores”. O interessante é que sempre começavam seus relatos dizendo que gostaram da aula. Não sei se isto se deve ao fato de assinarem o nome após seu relato ou se porque realmente gostaram!

Ficou combinado, então, que todos os primeiros dias de cada mês leríamos os relatos do mês anterior. Assim, no começo destas aulas sentávamos em uma roda, como era de costume em todas as aulas, e líamos tais relatos. Algumas reações eram de timidez, outras de alegria por ter sua frase lida, algumas de indignação por ver seu nome citado sob crítica, proporcionando

momentos de discussão, reflexão sobre os atos de cada um, buscando sempre desfechos amigáveis, tomando consciência de nossas ações e de que éramos um grupo.

Como este livro foi utilizado no primeiro ano de meu estágio, com as turmas de segunda e quarta séries, no ano seguinte, a turma da segunda, já na terceira série, sentiu falta deste tipo de relato, que não teve continuidade.



(O Livro da Verdade)

Aspectos importantes ou ... um “algo mais”

O envolvimento com as crianças

Este é, para mim, um dos principais momentos deste trabalho, pois é a partir de nossa relação e envolvimento com as crianças e destas conosco, que acredito ser possível dizer se tal trabalho foi realmente significativo.

Ficou claro, a meu ver, que, ao longo do período das aulas, determinadas mudanças de comportamento de alguns alunos na relação com seus colegas, com professores, com os materiais, com as aulas e até mesmo no tratamento da própria escola, possam demonstrar a “evolução” deste caminho percorrido. Estas mudanças de comportamento, principalmente em relação a nós, professores, diz respeito a inúmeras atitudes de desrespeito e desconfiança que se tornaram, baseadas no respeito conquistado, em amizade e admiração. Mas, por que teriam se transformado desta forma? Seria devido aos estudos que passamos sobre os conceitos, por exemplo, de respeito e amizade? Devido às conversas no momento das rodas? Ou seria devido ao tempo de convívio, que fez, em alguns casos, sumir a timidez para que fossem estabelecidas relações de amizade?

Acredito que todos estes questionamentos possam ter grandes influências sobre as mudanças de comportamento e relações de amizade nascidas entre nós, alunos e professores. Contudo, não menos importante que isto – ou talvez até mais importantes – sejam as atitudes tomadas por nós, professores, diante destas crianças. Acredito que, de nada adiantariam as pesquisas teóricas sobre valores humanos, ou então nossos insistentes pedidos de respeito em momentos diversos da aula como em rodas de conversa, se este respeito também não estivesse presente em nossas ações, principalmente na relação com as próprias crianças. Pequenas atitudes como pedir “por favor” ou então “desculpas” aos alunos, dar atenção às suas histórias, dar valor às suas criações, jamais agredi-los verbalmente, talvez tenham sido realmente tão importantes como todas as questões anteriores, pois deram consistência ao discurso que, se fosse incoerente com a prática, teria se perdido na hipocrisia de tais palavras, concordando assim com Freire (1996, p.34) quando diz que “*ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo*”.

Não acredito, ainda, ser possível respeitar aquele que não nos respeita. O que podem pensar ser respeito nestes casos, nada mais é que o medo, que, na maioria das vezes, é “conquistado” pelo professor por meio de autoritarismo, que, ainda conforme Freire (1996), é diferente da autoridade democrática, que é legítima ao professor, e que jamais deve se omitir, mas sim, deve dar valor à liberdade do educando, sem deixá-la transformar-se em licenciosidade, o que também atrapalharia o desenvolvimento de uma aula.

Sob este contexto, de persistente busca ao respeito, é que fomos formando vínculos com estas crianças, inicialmente estreitos, que aos poucos foram tornando-se maiores, e, em alguns casos, expandindo-se aos familiares, chegando a um sentimento de intensa amizade e “bem querer” às crianças, e, acredito, também das crianças em relação a nós, professores.

Buscamos criar um universo próprio das aulas de GG nesta escola, com nossas regras e códigos próprios, que se tornaram diferentes em cada turma, pois possibilitamos que construíssem conosco esta “maneira de lidar com questões rotineiras”. Isso podia ser visto na forma de fazermos a chamada com os alunos, na maneira de solicitarmos a atenção das crianças, nos tipos de “brincadeiras e piadas” mais freqüentes, assim como em nossa própria maneira de desenvolver os conhecimentos a serem tratados em aula. Isto não tira, entretanto, a seriedade com que sempre tratamos os temas desenvolvidos, pois já tínhamos claro que seriedade não é sinônimo de “mau humor”. Assim, ao buscarmos sempre proporcionar uma “atmosfera agradável” em nossas aulas, com beijinhos e abraços na chegada e na saída, com conversas descontraídas e trocas de “segredos”, este envolvimento ao tornar-se maior, transformou-se em vínculos que, ao me ver longe, faz com que queira estar perto.

Casos Especiais

Chamarei aqui de “casos especiais” alguns fatos que, por determinados motivos, ficaram especialmente marcados em mim neste processo de aprendizado, tanto por representarem erros nesta atuação, que se tornaram motivos para reflexão, como por ilustrarem situações interessantes como sonhos, desejos e fantasias de algumas crianças. Não gostaria, entretanto, que estes fatos fossem tomados como um tratamento discriminatório dos alunos, ou seja, como alguém que

lembra dos alunos por “bons” e “maus”, devido às suas características marcantes, e se esquece daqueles que considera “medianos”. Pelo contrário, gostaria de descrever a forma de ser de todos os alunos, se assim fosse possível, contudo, nestes “casos especiais” trago fatos que nos tiraram de situações acomodadas, para que fosse possível uma mudança em nossa prática, e que expressam e sintetizam vários outros “casos”, e que, junto das fantasias das crianças, fizeram-me sonhar, despertando-me a alegria e a esperança.

Casos que me marcaram, em se tratando de erros nesta ação pedagógica, serão mais discutidos posteriormente, contudo, cito brevemente aqui apenas um fato precursor de uma reflexão: atitudes que causaram a desistência destas aulas por um aluno que, por alguns momentos de comportamento desrespeitoso e agressivo, recebeu, ao longo destas, um tratamento diferenciado dos demais, e que sua atitude, a desistência, trouxe-nos uma nova forma de refletir sobre tais problemas.

Já um caso para mim muito interessante é o do aluno *Pedro*¹, que, sempre interessado em aprender, demonstrava imensa alegria nesta sua busca e alcance do saber. Muito sonhador, este menino de dez anos, encantado com situações que vinha vivendo devido às aulas de GG, como a de sua turma ter sido convidada para apresentar em diversos lugares, entre eles, no Teatro Municipal Castro Mendes em Campinas, além de aparecerem em uma matéria da revista de comemoração dos 40 anos da FEAC, demonstrava para todos, nas rodas de conversa, suas grandes aspirações com aquela prática: “*Sabem, eu estive pensando, que, agora, com esta história de acontecerem as Olimpíadas na Grécia, e já que eles vão fazer um festival de abertura, será que nós não podemos, quem sabe, apresentar nossa coreografia lá?*”. Não sei se isto representa alguma “falsa ilusão” que, por ventura, tenhamos depositado nestas crianças, ou então qualquer outra coisa que possa ser prejudicial na formação das mesmas. Sei apenas que, ao dizer aquilo, o menino fez de forma tão sorridente que me trouxe uma sensação de bem estar, transferindo-me a alegria do seu pensamento: “*como é doce o sonhar...*”.

Outro fato muito especial foi o do envolvimento do aluno *Luis*. Com atitudes extremamente agressivas e desrespeitosas em relação a todos no início das aulas, tive receio de viver aquela mesma situação vivida no ano anterior, e de chegar a atitudes extremadas novamente. No entanto, procuramos saber o que poderia haver com ele, que o levava a tomar tais atitudes, e, enquanto isso, toda a paciência e tratamento respeitoso que tínhamos com os outros

¹ Os nomes aqui citados foram inventados por mim, a fim de preservar a identidade das crianças envolvidas.

também eram com ele compartilhados. Uma criança, também de dez anos, de grandes habilidades ginásticas já adquiridas (sabia, a seu modo, fazer flic-flac, rodantes, estrelas, rolamentos, mortais, “caminhar” em parada de mãos) despertou-nos grande curiosidade, pois, inicialmente agressivo, sentia-se muito feliz ao ter um espaço na aula para mostrar suas habilidades. Desta forma, com esta turma, geralmente abríamos um espaço na aula para uma “roda de apresentações”, na qual todos aqueles quisessem apresentar algo em especial teriam a oportunidade. Foram apresentadas, além de habilidades ginásticas nestas rodas, algumas canções, poesias e piadas. Aos poucos fomos percebendo que este aluno precisava mesmo era de um pouco mais de atenção, descobrindo mais tarde, que isto era devido a problemas que vivia em seu lar: “Minha mãe não liga para mim!”. Foi incrível como ele se transformou para nós. Sua vontade de ser prestativo conosco era visível: trouxe todos os trabalhos por nós requisitados, além de, sempre que possível, trazer-nos jornais e outros materiais que pudessem ser reciclados para a confecção de aparelhos para as aulas. Acredito que descobrimos a pessoa que estava à nossa frente. Muito inquieto, inconformado com aquilo que não concordasse, desconfiado, sensível, carinhoso: “Luís”.

Foi também na comemoração do “Dia das mães”, em 2003, que mais um dia especial aconteceu em nossas aulas. Combinamos com os alunos que chamaríamos suas mães para uma reunião, mas que, na verdade, faríamos uma homenagem a elas, com um dia de vivências de GG. Eles adoraram a idéia e uma aula antes, “treinamos” para que cada um ensinasse sua mãe a fazer alguns movimentos básicos que já tinham aprendido, assim como possibilitar sua “segurança”. Na aula seguinte, sucesso!! As mães adoraram a vivência, e mais este dia ficou marcado em nossas memórias...



Em outro momento, agosto de 2003, com o acontecimento do II Fórum Internacional de Ginástica Geral no SESC – Campinas, vimos a possibilidade, o professor Rubens e eu, de apresentarmos um trabalho sobre esta nossa experiência, sobre a qual fizemos um pôster sob o título: *Oficinas de Ginástica Geral no Programa “Ame a Vida Sem Drogas” – FEAC*. Convidamos nesta ocasião, todos os alunos a verem a apresentação do pôster, assim como

informamos a programação de apresentações de grupos de ginástica, nacionais e internacionais, abertas ao público. Durante a apresentação do pôster, não houve a presença de nenhum aluno, e durante as apresentações de GG no encerramento do fórum, apenas uma aluna compareceu. Achei este número, 1, muito encorajador! Não acreditava que alguém compareceria... (preconceitos!). Porém, após a apresentação e o final deste fórum de GG, pensamos ser conveniente levar o pôster à escola para mostrá-lo a todos, inclusive, às crianças. Descobrimos, então, que esta foi realmente uma boa idéia! Todos se sentiram muito importantes por aparecerem em um trabalho que foi visto por várias pessoas, “até mesmo de outros países!” – diziam eles. Este “retorno”, portanto, é sempre significativo.



Fatores sócio-econômicos também influenciavam neste contexto sobre a participação dos alunos em nossas aulas. Algo muito freqüente era o abandono das aulas de ginástica pelos alunos por motivos como: ter de cuidar de irmãos mais novos no horário fora da escola; ter de cuidar da casa; ou então por não ter quem os levasse às aulas de GG. Casos como estes, em que os pais, por algum motivo, interferiram nesta desistência de seus filhos das aulas de ginástica ocorreram com alunos e alunas como a *Paula*, o *Breno* e a *Sílvia*, todos de dez anos de idade, sendo que a primeira tinha que limpar sua casa, inclusive no horário da ginástica; o segundo não tinha como

vir para a escola em mais este horário, pois morava longe e o caminho, segundo sua mãe, era perigoso; e a terceira tinha como dever cuidar de seus irmãozinhos mais novos. Há também uma instituição nesta região, a *Casa dos Anjos*, que, caracterizada por promover assistencialismo social, atende as crianças do bairro, oferecendo diversas atividades culturais, além de refeições diárias. Devido a esta última característica, a alimentação, muitos pais também preferiram que seus filhos freqüentassem esta instituição às aulas de GG. Acredito que, diante disto, neste contexto em que estávamos inseridos, talvez esta realmente fosse a melhor opção para algumas crianças.

Os funcionários da escola

As pessoas que faziam (e ainda fazem) parte da vida desta escola têm também papel de grande importância nesta experiência. Uma escola pública, localizada em uma região “desfavorecida” de Campinas, nas condições em que se encontra, de extrema preservação e organização, é algo muito sério a se pensar. Os trabalhos de conscientização muito freqüentes feitos entre as pessoas que nela trabalham e destas pessoas para a comunidade de pais e alunos, mostraram-se também muito importantes. Algumas ações observadas por mim, como as da diretora, que ao entupimento de uma pia, deslocou-se rapidamente de sua sala, para, pessoalmente, resolver o problema, ou, quando após um assalto à escola, trouxe televisão e vídeo cassete de sua própria casa, assim como presença de vasos de flores nas portas das classes, cartazes com ilustrações e frases de estímulos aos alunos por toda a escola, entre tantas outras “pequenas grandes” atitudes de todos os funcionários da escola, são, acredito eu, responsáveis por mantê-la assim. Sempre presentes e dispostas a ajudar, a vice-diretora, preocupada com a boa convivência e satisfação dos professores, a cada ocasião especial presenteava a todos com lembrancinhas “significativas”, assim como a, secretária da escola, a coordenadora e a inspetora de alunos, sempre prontas para ajudar, apesar de todo serviço que já lhes cabia. A preocupação das “*tias da cozinha*” com nosso bem estar, sempre perguntando: “Já almoçaram hoje?”, e também as “*tias da limpeza*”: “Pode deixar!”.



Há também nesta escola uma arrecadação de dinheiro da Associação de Pais e Mestres (APM) bastante organizada, com relatórios mensais afixados em mural do quanto arrecadaram, o quanto e em quê tal quantia foi gasta, assim como tabelas de pesquisas de melhores preços do mercado e prioridades de próximas aquisições da escola.

Coreografias e Apresentações

Enfim, o grande momento: apresentar o produto final de uma criação que passou por um processo de um ano todo. Este, na verdade, não era para mim, pelo menos conscientemente, o momento mais importante das aulas de GG, mas a ansiedade dos alunos (e minha) mostrava que, se não fosse o mais importante, era, pelo menos, muito significativo. As mudanças de comportamento, a “alegria nervosa” das crianças além dos relatos no Livro da Verdade como: “Hoje é a última aula antes da apresentação. Não consigo mais esperar!” ou “Eu gostei muito da apresentação! Os aplausos foram muito legais e na hora deu um frio na barriga!”, mostraram-nos um pouco da importância deste momento para os participantes.

Todo o processo de construção da coreografia foi realmente longo e, como disse, “de um ano todo”, pois nela foram utilizados todos aqueles gestos vivenciados neste tempo. Nela, tentamos todos, professores e alunos, sintetizar tudo aquilo que mais gostamos de fazer, tudo aquilo que nos fosse “significativo”. Estas coreografias, além de serem mostradas na escola, para pais, familiares, amigos, colegas, professores, funcionários, também deveria ser apresentada fora da mesma, para as outras turmas participantes do programa, e, principalmente, para seus patrocinadores. Digo “principalmente” porque este era, realmente, um momento de avaliação do programa, momento de todos verem onde e como sua verba estava sendo empregada. Para as crianças, entretanto, este era um grande dia: dia de passeio, de brincadeiras, de almoço e muitos lanches e, é claro, de “mostrar sua criação”.

Assim, em 2003 as turmas de GG da segunda e quarta séries tiveram três apresentações ao todo: duas na própria escola e uma no SESI – Amoreiras, em Campinas. A primeira foi feita em setembro deste ano, para familiares, amigos e pessoas da comunidade escolar, quando as coreografias ficaram parcialmente prontas. O “parcialmente” deve-se às mudanças realizadas após esta apresentação, sempre com o intuito de deixá-las ainda melhores. Para isto, tivemos reflexões junto com as crianças, sobre possíveis causas de erros, sobre a ansiedade entre outras coisas, que não atingiam somente aos alunos, mas também a nós, professores, como no caso da apresentação da quarta série, em que eu era a responsável por contar os tempos da música, e, em determinado momento, passar algumas “dicas” para os alunos. Neste momento, contudo, talvez minha ansiedade tenha sido até maior que a dos alunos, perdendo tal contagem e dando a dica no momento errado, o que fez com que adiantassem seus movimentos na coreografia. Contudo, logo perceberam o erro e, discretamente, concertaram-no! O mais interessante para mim foi que, após o ocorrido, não me lembro de alguma vez ter ouvido qualquer crítica por parte das crianças...



A segunda, realizada no SESI, aconteceu no final de novembro, para os já citados patrocinadores e outras turmas do programa “Ame a Vida Sem Drogas”. O evento, porém, era aberto ao público, o que permitiu a presença de muitos familiares, amigos e funcionários da escola. Este dia foi transformado pelos alunos em uma verdadeira festa. Sem qualquer gasto com transporte e alimentação, os alunos saíram da escola às 8:30 da manhã no ônibus fornecido pela FEAC, recebendo cada um seu “cafezinho da manhã”, com um pacote de bolachas, leite com chocolate, e uma banana. Eles ficaram encarregados, junto da secretária da escola, que acompanharia a turma, já que iríamos, os professores, direto ao SESI, de pegar todo o material para as apresentações, como colchões, mini-trampolim, e as caixas de papelão que seriam utilizadas pela turma da segunda série. Mostraram-se neste momento pessoas de extrema preocupação com suas responsabilidades, pois, além de não as esquecerem, fizeram-nas com todo cuidado, organização e “respeito” aos materiais. Ao chegarem no local, agora a “alegria comportada” de todos – talvez devido às nossas tantas recomendações – foi algo interessante de se observar.

O período da manhã foi dedicado às apresentações.



Todos os grupos do programa entre outros mostraram seus trabalhos e puderam observar os trabalhos uns dos outros. Uma aluna fez uma observação: “Por que este grupo dançou uma coreografia que já existe?”, referindo-se a uma apresentação de um grupo de outra oficina do programa.

Na hora do almoço, as turmas se revezaram, pois não cabiam todas as crianças ao mesmo tempo no refeitório. O almoço foi muito bom, também se transformando em mais um momento agradável de nossa convivência.

No período da tarde ocorreram oficinas de GG num “solo de colchões” e em um trampolim acrobático; de circo numa corda bamba; de dança com músicas variadas, para que todos pudessem vivenciar um pouco das outras possibilidades que o programa oferece. Durante este tempo, os alunos também tiveram liberdade para brincar com seus colegas, e até de se machucarem, como foi o caso de um aluno de nossa escola que, devido a um corte na orelha, teve de ser levado ao pronto socorro mais próximo.

Ao final do dia, antes de deixarmos o local, todos ganharam mais um “lanchinho”, com um pão com presunto e queijo, suco e maçã. Ao depositarem toda a “sujeira” restante nas latas de

lixo, foram imensamente elogiados pela supervisora do programa da FEAC. Orgulhosos, começaram a recolher com cuidado seus materiais para levarem ao ônibus que, após horas de espera, enfim chegou.

Na aula seguinte, a grande alegria e satisfação das crianças era novamente algo visível. Os comentários na roda de conversa e no Livro da Verdade também nos mostraram que tal experiência foi muito positiva. Um aluno relatou: “Este foi o *segundo* melhor dia da minha vida!”

A terceira e última apresentação neste ano das turmas de GG da escola em que trabalhávamos, aconteceu no início de dezembro, novamente na escola, num sábado, aberta ao público. Desta vez, apresentaram as turmas da primeira, segunda, terceira e quarta séries, em uma “comemoração e despedida”. Foi com muita emoção que a turma da quarta série, em especial, fez esta apresentação, já que no ano seguinte não teriam mais aulas nesta escola. Na hora da despedida, entregamos mudas de “pingos d’ouro” para cada criança, esperando que tenhamos realmente plantado uma sementinha dentro de cada um, e que continuem cultivando-as.



Em 2004, com a comemoração de 40 anos da FEAC, foi promovido o “Festival de Talentos 40 Anos FEAC”, com apresentações abertas ao público no *Teatro Municipal Castro Mendes*, em Campinas, para o qual foram convidadas uma turma de cada oficina do programa

“Ame a Vida sem Drogas”, escolhidas pela própria instituição após análise no festival do ano anterior, assim como dos outros programas patrocinados pela FEAC. Desta forma, no dia 20 de maio deste ano, a turma que apresentou a coreografia “Chuvinha” em 2003, agora na quarta série, foi nossa turma convidada pela FEAC para este festival. Muita preparação antecedeu tal apresentação, principalmente pela mudança de alguns componentes do grupo. A espera por este momento foi repleta de idealizações dos alunos, que, também por aparecerem na revista “FEAC 40 Anos”, até citaram a possibilidade de ficarem famosos...

A apresentação foi quase um detalhe perto do entusiasmo das crianças diante de “um camarim só seu”, do lanche oferecido, do momento de concentração, das brincadeiras e “cantorias” no ônibus, do encantamento ao ver o teatro por dentro, o palco, as cadeiras da platéia: “Nossa, que lindo!”. Este foi um assunto que permaneceu durante muito tempo nesta comunidade escolar.

Erros e acertos

Na busca por uma atuação ideal junto com as crianças participantes das aulas de GG do programa “Ame a Vida sem Drogas”, foram muitos os erros e até mesmo os acertos no decorrer desta experiência de prática docente, alguns já citados, que muitas vezes levaram-me a refletir sobre ela, buscando mudanças na atuação, levando-me ao aprendizado de algumas questões, nas quais percebi limites, que, contudo, acredito que possam ser superados. Relatarei, portanto, alguns erros que me levaram posteriormente, a tal aprendizado.

Sempre me julguei radicalmente contra qualquer tipo de *preconceito*, condenando atitudes de discriminação em relação à cor da pele, biotipo, classe social, entre outros, mas apesar disso, agora sei que os preconceitos estão tão arraigados em nós, que muitas vezes, apesar de lutar contra isso, acabei cometendo atos preconceituosos, estigmatizando alunos pela observação, por exemplo, de comportamentos em uma aula. Baseada em Tapajós (1987), chamarei esta atitude de “*as profecias*”, nas quais um professor se acredita capaz de dizer o “destino”, o que será de cada aluno, se “dará certo ou não”, por meio de uma simples observação, sem ao menos tentar conhecê-lo melhor. Esta pode ser uma atitude que, muitas vezes, leva um aluno ao *fracasso escolar*, tamanha a convicção do professor em seu “diagnóstico”. Profecias estas que, ao observar recentemente meus “relatórios de estágio”, encontrei, em uma das primeiras aulas, a seguinte

frase: “Detecção de *alunos problema*”. Não me lembrava de ter escrito algo assim, contudo, diante de minha caligrafia, inconfundível, não tive dúvidas: fui autora das famosas profecias! Lembrei-me então a que alunos estava me referindo e acompanhei, em minha memória, o caminho percorrido pelos mesmos nas aulas de GG. Os alunos eram Thiago e Marcos, com comportamentos extremamente agressivos em relação aos colegas já nos primeiros dias de aula, e, às vezes, também em relação a nós, professores. Analisando a maneira de lidar com tais alunos, percebi uma atitude também agressiva, principalmente por tratamentos sempre “defensivos”, sempre esperando qual seria a próxima vez que fariam algo “condenável”. Assim, juntamente com os alunos, ajudei a escrever o fracasso nas aulas de GG do aluno Thiago. É difícil imaginar alguma maneira de fracasso nestas aulas, já que não eram obrigatórias, sendo extra-curriculares, e sem avaliação formal. O fracasso foi então escrito por meio do abandono das aulas pelo aluno. Um dia, após um “mau comportamento”, o suspendemos da aula, pedindo que ele pensasse se gostaria de continuar ou não, e que, se resolvesse que sim, nos dissesse tudo o que mudaria para que pudesse continuar. Assim, ele foi para casa e, na próxima aula, trouxe presentes para o professor Rubens e para mim, dizendo que não gostaria de continuar, e foi embora. Nós, que tínhamos a certeza de que sua escolha seria outra, percebemos, neste momento, que nós é que tínhamos fracassado, inclusive com relação aos objetivos do programa. Foi um bom momento para reflexão. Minha atitude, talvez sem tanta consciência disso, foi mudando com meu outro “aluno problema”. Ao final do ano, o aluno Marcos não nos poupava carinhos.

Ainda sobre preconceitos, uma aluna um dia me disse: “Minha mãe quer que eu venha na ginástica porque eu estou *gordinha*”. Surpresa com aquela afirmação, respondi: “Eu não acho que você esteja gordinha!”. Neste momento, eu, que me achava imune aos preconceitos construídos pela sociedade, me vi cultivando-os. Falei sobre ser gordo como se fosse algo realmente ofensivo para uma pessoa que assim fosse chamada. A garota era sim, segundo os “atuais padrões sociais”, “gordinha”, sem que, contudo, isto significasse algum tipo de prejuízo para a mesma. Acredito, portanto, que minha fala tenha apenas reforçado nela a busca por um corpo “ideal”. Comentei o fato com o professor, e, juntos, refletimos sobre o assunto. Minha preocupação no momento foi a de que como seria difícil me tornar uma professora, pelo menos da maneira que eu gostaria de ser. Qualquer palavra dita sem muita reflexão e poderia vê-la refletida por toda a vida dos alunos...

Um outro erro, sobre o qual também pude refletir, foi a já citada utilização do filme “*O Caminho para Eldorado*”, em que, ao tentarmos fazer uma seleção de filmes para passarmos em aulas de GG e de educação física escolar, utilizamos a turma como uma “cobaias” de nossa experiência, não analisando o filme previamente. Isto talvez pareça muito óbvio, e agora, eu também diria: “Mas como pudemos fazer isso? É lógico que não se deve passar um filme em uma aula sem conhecê-lo!” Contudo, naquele momento, isto não nos foi assim tão claro, o que, felizmente, transformou-se em mais uma experiência de aprendizado, sob pena, na minha opinião, de não termos oferecido aos alunos mais conhecimentos da ginástica, que é o que se deveria esperar destas aulas.

Já em 2004, com a turma da quarta série, diante de um momento de desrespeito da mesma, solicitei, mais uma vez (contudo, inédito para esta turma), um trabalho sobre o significado da palavra “respeito”, tanto segundo o dicionário, como por meio de entrevistas e de seu próprio conhecimento, com ilustrações ou colagens de figuras. Dei um prazo máximo para ser entregue, dizendo que faríamos uma atividade com estes trabalhos, que, no caso, seriam as já citadas trocas dos mesmos entre os alunos, para que pudessem melhorá-los com *respeito*. Contudo, acabei não dando continuidade ao trabalho, o que, acredito eu, foi um ponto muito negativo de minha ação, pois não respeitei minha própria palavra e nem mesmo aqueles que se esforçaram para fazer o melhor trabalho que podiam e trazê-lo no prazo determinado. Mais reflexões...

Ainda buscando em meus relatos estes possíveis erros que se transformaram em reflexão sobre a prática e, conseqüentemente, em aprendizado, a não continuidade do Livro da Verdade, pelo menos com a turma da terceira série, com a qual no ano anterior tínhamos feito a experiência, também pode ser caracterizada desta forma. As insistentes perguntas dos alunos sobre o Livro da Verdade só não foram maior que, talvez, meu descaso. Na realidade, jamais pensei, durante minha atuação que estaria sendo relapsa ou algo assim, mas agora, ao analisar estas situações, tenho refletido sobre isto. Talvez por não ser a professora responsável pela turma, mas a estagiária, muitas vezes não me sentia no direito de intervir tanto nas aulas quanto gostaria, sentindo-me, muitas vezes “intimidada” frente a determinadas situações. Assim, diante dos constantes pedidos pelo Livro da Verdade, comuniquei ao professor responsável, que, por não ter feito nada a respeito, também não fiz. E assim tudo continuou, sem o caderno para as crianças fazerem seus relatos, tão importante para alguns. De mais este erro, penso que talvez este seja o

momento em que alguns chegam a classificar pessoas como “de atitude”, por exemplo, o que, neste caso, tão simples de resolver, faltou-me. Era simplesmente trazer um caderno e uma caneta para a turma e dizer: “Este é nosso novo Livro da Verdade!”.

Estas reflexões sobre minha prática, principalmente sobre momentos em que ela deveria ser mudada, só foram possíveis, em sua maioria, devido aos relatórios de estágio exigidos pelo professor responsável, ou seja, é por meio do *registro* desta prática que se tornou possível a reflexão sobre a mesma, para que também fosse possível, portanto, sua mudança. Desta forma, concordo com Warschaver (1993) quando fala sobre a importância do registro na formação de professores, pois, talvez ao revermos tais registros, preciosas fontes para reflexão, seja interessante observarmos como pudemos cometer determinadas ações, que hoje nos parecem tão “obviamente condenáveis”.

A despedida

Em meados de julho de 2004, por ter mandado um projeto de pesquisa para o SAE – Unicamp com um pedido de bolsa de estudos no início do mesmo ano, recebi a notícia de que tal projeto havia sido aceito, o que me deixou numa situação bastante difícil: participar deste programa da FEAC, que era caracterizado por um trabalho de cunho social, mas não voluntário, era também para mim, além de uma possibilidade de aprendizado, uma fonte de renda. Com a chegada desta possibilidade de desenvolver uma pesquisa acadêmica, tive de tomar uma decisão. Acredito que esta foi, neste meio acadêmico e profissional, a decisão mais difícil até o presente momento, pois a participação nas aulas de GG nesta escola era, e ainda é para mim, algo de extrema importância e relevância, tanto no âmbito profissional quanto afetivo. Porém, ciente também da importância de uma Iniciação Científica, e das novas possibilidades de ensino e aprendizagem que ela me traria, além da responsabilidade assumida com a professora orientadora da pesquisa, tomei a decisão final: a despedida.

Na última semana de julho, semana esta em que após as férias, recomeçaram as aulas na escola, participei dos meus últimos dias deste estágio. Minha maior dificuldade foi a de *como* contaria às crianças que deixaria *nossas aulas*. Na primeira turma para quem contei que teria de deixar o programa, a quarta série, comecei um discurso em tom de tristeza, no qual disse que “estava muito triste, pois teria de deixar as aulas”, explicando o motivo, mas que pretendia revê-los

em breve, que ficaria atenta aos acontecimentos da escola. Ao final do meu discurso, as crianças estavam talvez mais deprimidas que eu, algumas aos prantos. Aquilo não me deixou feliz, e ainda tinha de contar para as outras três turmas! Ao iniciar a aula seguinte, a turma mista de segundas e quartas séries, a professora Andréa fez uma sugestão de que eu mudasse o “tom” de meu discurso. Acatando tal sugestão, iniciei-o, mais uma vez, no entanto agora, dizendo que “algo de muito bom tinha acontecido para mim nestas férias”, explicando o acontecimento em questão, e que para isto ficaria algum tempo afastada da escola, explicando também os motivos, como as questões financeiras, mas que viria assisti-los em todas as apresentações. Para minha admiração, a reação desta turma foi realmente bem melhor, com muitos beijos e abraços, mas sem choro!



Acredito, portanto, que este tenha sido mais um momento de aprendizado, e nas próximas turmas que se seguiram, segui a sugestão da professora, sendo cada vez mais otimista, e dando a certeza de que voltaria (que é o que realmente gostaria, mesmo que somente para assistir às apresentações de final de ano). Uma aluna perguntou: “Você também vai escrever um livro como o tio Rubens?” E sorriu: “Eu adoro ler...”.

O que fica...

Termino este trabalho enfatizando tudo aquilo que já foi dito, ou seja, a partir desta minha experiência, proponho que, para uma atuação como educadores mais críticos, conscientes de nossas ações, de nosso “*inacabamento*” (Freire, 1996), que só pode ser alcançada por meio de um “ciclo de reflexões”, sempre se busque *registrar* aquilo que já foi feito, como foi feito, por que foi feito. Desta maneira, os *erros* e os *acertos* não ficarão perdidos numa prática passada, mas passíveis de se repetirem e se modificarem numa prática presente ou futura. Acredito que, somente a experiência, sem uma reflexão, assim como somente reflexões, sem a experiência, não sejam suficientes para sairmos de posições, muitas vezes acomodadas, e alcançarmos posições críticas, e objetivos maiores, como o de despertar o real interesse dos alunos por aquilo que estamos lhes ensinando.

É desta maneira que vejo hoje esta minha experiência em aulas de GG para os alunos deste programa: o interesse em aprender e a alegria em desenvolver as atividades propostas, e, muitas vezes, em simplesmente estar na aula, despertaram-me para uma crescente busca para reflexões mais “humanas”, atentas aos preconceitos, às diferenças, às semelhanças, aos detalhes, aos objetivos e aos conhecimentos específicos daquilo a que nos propomos ensinar, às possibilidades de mudança para uma prática docente também mais humana, justa, contextualizada e dotada de sentido, que seja crítica a partir de nós, professores e futuros professores, para que tenha a possibilidade de despertar um olhar crítico sobre a realidade também nos alunos.

O que fica, portanto, além de todo o aprendizado para uma prática docente, são os *vínculos formados* ao longo desta experiência, com todas as pessoas que fizeram parte dela, e, em especial, com os alunos, pois, após tantas reflexões, buscando sempre a coerência das ações com o discurso, após o vencimento de tantas “barreiras”, todas as demonstrações de carinho, admiração e respeito, de tudo, fica a amizade destas crianças como um “grande presente” desta atuação, que, repetindo, agora longe, faz com que me desperte a vontade de estar perto e, sempre que possível, volte a vê-los.



(Reencontro com alunos em dia de evento com apresentações em um clube de Campinas)

Foi durante esta atuação, após tantas incertezas que a “nova carreira” me traria, que disse a mim mesma:

“Quero ser professora!”

Bibliografia

- ALMEIDA, Milton José de. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo, 1994.
- AYOUB, Eliana. *Ginástica Geral e Educação Física Escolar*. Campinas: Unicamp, 2003.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FEAC. *Material didático e informativo do Programa Ame a Vida Sem Drogas – FEAC*. Campinas: FEAC, 2003.
- GALLARDO, Jorge Sérgio Perez & SOUZA, Elizabeth Paoliello M. *Ginástica Geral: duas visões de um fenômeno*. In: Textos e sínteses do I e II encontro de GG. Campinas: Unicamp, 1996.
- NISTA-PICCOLO, Vilma L. A educação motora na escola: uma proposta metodológica à luz da experiência vivida. In De Marco, Ademir (org.). *Pensando a educação motora*. Campinas: Papyrus, 1995, pp. 113-20.
- PINTO, Larissa Graner Silva. *Expressão corporal como linguagem: sentindo na pele possíveis diálogos*. Monografia – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2001.
- PLANQUE, B. *Técnicas áudio-visuais de ensino*. São Paulo: Loyola, 1974.
- REVISTA FEAC. *A FEAC e seu fundador*. Publicação retirada da Revista FEAC – Especial de 40 anos, de 09 de abril de 2004.
- SNYDERS, George. *A Alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1988.
- SOARES, Carmem Lúcia. *Educação Física escolar: conhecimento e especificidade*. Revista Paulista de Educação Física, supl. 2, São Paulo, 1996, pp. 6-12.
- _____. *Imagens da Educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SOUZA, Elizabeth Paoliello M. *Ginástica Geral: uma área do conhecimento da educação física*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Campinas, 1997.

SOUZA, Máisa S. *A participação dos alunos nas aulas de educação física: uma possibilidade na ginástica geral*. Monografia – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1998.

TAPAJÓS, Laís. *Como se escreve (por linhas tortas) o fracasso escolar de uma criança*. Revista Nova Escola, anoIII, n. 17, novembro de 1987.

WARSCHAUER, Cecília. *A roda e o registro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

WERNECK, Christianne. *Lazer, Trabalho e Educação – Relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.